

COP-30: O capital social de Belém

As negociações formais ilustraram o desafio do multilateralismo; os encontros informais, porém, criaram recursos intangíveis que podem ter impacto duradouro

Por Salo Coslovsky

Salo Coslovsky é professor na Universidade de Nova York e pesquisador do Projeto Amazônia 2030



COP30 em Belém / Wilton Júnior

Na COP oficial, quase todos ficaram decepcionados. De um lado, a União Europeia, Colômbia e seus aliados não conseguiram incluir o distanciamento dos combustíveis fósseis no documento final. Do outro, a Rússia, Arábia Saudita e correligionários não conseguiram esconder seu obstructionismo, nem conseguirão impedir que o “mapa do caminho” avance sob a presidência brasileira da COP, que segue até novembro de 2026.

Mas enquanto os diplomatas trabalhavam noite adentro para manter esse empate inglório, outra COP ocorria em paralelo, através de encontros improvisados, fortuitos ou planejados entre quem já se conhecia e quem só se falava por videoconferência, entre antigos colaboradores e futuros parceiros. Passei uma

semana em Belém e saí convencido de que essas interações, apesar de invisíveis para quem está de fora, são produtivas e merecem atenção.

Há décadas cientistas documentam como o capital social embasa a vitalidade das regiões. Putnam mostrou isso na Itália, Granovetter ao estudar como pessoas encontram empregos, Piore e Lester ao examinar inovações industriais. E Klinenberg documentou como bairros com espaços de convivência apresentaram menos mortes durante onda de calor em Chicago. Até o Vale do Silício, como mostrou Saxenian, deve seu dinamismo a regras que incentivam os encontros e a troca de informações.

Em Belém, testemunhei a importância dessas interações quando apresentei membros da elite amazônica, pessoas com trânsito livre entre pecuaristas, madeireiros e latifundiários, aos cineastas que produziram o filme de realidade virtual *Amazônia Viva*, estrelado por Raquel Tupinambá. A emoção dos convidados com a experiência imersiva mostrou que a oposição entre conservação ambiental e prosperidade, ainda tão prevalente na região, pode dar lugar a uma sociedade onde esses imperativos são complementos e não substitutos.

Noutra ocasião, conversei com o líder de uma empresa multinacional e descobri que ela quer comprar cinco mil carretas carregadas com caroço de açaí para substituir parte do carvão que alimenta suas caldeiras. Pretendo levar esse tema à Mesa Executiva do Açaí, onde competidores que pouco se falavam buscam pontos de interesse comum, para que transformem esse resíduo em receita.

Esse tipo de capital social não pode ser criado por decisão monocrática, mas pode ser promovido ou facilitado. Encerrada a COP, nosso desafio é investir o capital acumulado para que ele se multiplique antes que deprecie. Belém ganhou lindos espaços físicos e a internet propicia espaço virtual. Faltam mais iniciativas desenhadas especificamente para que pessoas troquem conhecimentos, tenham lampejos de inspiração e submetam suas ideias à revisão criteriosa e à disciplina de mercado. Desse modo, emulamos a própria floresta, onde a polinização cruzada, a interação entre espécies e a seleção natural convertem a biodiversidade em inovação e resiliência.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/economia/salo-coslovsky/o-capital-social-de-belem/>